

Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

Como citar este texto: DE FARIAS, Karina Woehl. ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 138-159, jul./dez. 2017.

Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM¹

Karina Woehl de Farias²

Valci Regina Mousquer Zuculoto³

Recebido em: 20 de novembro de 2017.

Aprovado em: 13 de dezembro de 2017.

Resumo

Em mais um cenário de transformações no rádio, por conta do processo de migração do AM para o FM, este artigo propõe discutir impactos iniciais na programação jornalística do meio. Para isso, (re)visita a história do rádio, com uma periodização categorizada em ondas de mudança, sistematizando modelos de programação nos dois espectros e especificidades de cada dial desde o advento do meio até o período atual da radiodifusão brasileira. Com base nesta categorização, apresentamos apontamentos iniciais sobre possibilidades do radiofônico diante deste novo momento. O estudo, utiliza técnicas de revisão bibliográfica e a análise documental como estratégia metodológica. Os referenciais de análise têm sustentação em teóricos e estudiosos do rádio, do jornalismo, da comunicação e da história.

Palavras-chave: Radiojornalismo; História do Rádio; periodização; Migração AM-FM.

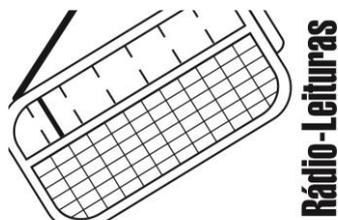
Introdução

A trajetória histórica do rádio está diretamente relacionada a avanços tecnológicos que o afetaram enquanto mass media. Recentemente, o meio passa por um novo momento de mudança na forma de transmitir, produzir e sintonizar as ondas radiofônicas: a migração do AM para o FM. Conforme o Ministério das Comunicações, 1.781 emissoras estão na frequência de AM em todo o Brasil, sendo divididas de acordo com o alcance: local, regional ou nacional. Em 2013, quando iniciou o processo de

¹ Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional da História da Mídia Sonora Alcar 2017.

² Doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação (UNESC) e professora de Radiojornalismo na Faculdade Satc, em Criciúma/SC. fariaskaki@gmail.com

³ Professora e pesquisadora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). valzuculoto@hotmail.com

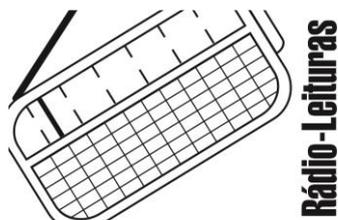


migração, o Governo Federal anunciou que quase 80% pediram a mudança de faixa, número que pode ficar maior com a solicitação por parte dos radiodifusores de prazos mais alargados para a transferência de espectro.

Essa nova transformação no rádio deve questionar, mais uma vez, a sobrevivência do meio. No presente caso, está posta à discussão especialmente o futuro do rádio AM enquanto transmissão e também como modelo de programação replicada anteriormente no dial brasileiro. Para se refletir sobre esta transformação na radiofonia, propõe-se neste artigo (re) visitar historicamente, por meio de uma periodização, o desenvolvimento do rádio enquanto um meio afetado por fatores econômicos, culturais e sociais ao longo dos anos de existência. A proposta tem recorte nas mudanças sofridas pelo rádio AM. Um foco que, é de ressaltar, leva em conta que pelo menos até o advento da Frequência Modulada no Brasil, a trajetória do AM é a própria história do rádio. O trabalho ainda problematiza as especificidades de cada dial, a fim de identificar características peculiares de cada modulação, que vão desde à qualidade do som, ao estilo do comunicador até a formação de vínculos afetivos, como o companheirismo do “rádio amigo”.

A revisão contribui na construção de bases preliminares à pesquisa de doutorado em andamento sobre como o radiojornalismo das emissoras AMs irá se comportar e será produzido no FM. Optou-se por percorrer os períodos históricos do rádio brasileiro dividindo-os em ondas de mudanças, elencadas em transformações que se destacaram na trajetória do rádio de Amplitude Modulada. Nessa (re) visita à história do rádio, em busca de apontamentos sobre impactos sofridos especialmente pelo AM, realiza-se um estudo com utilização de técnicas de revisão bibliográfica e a análise documental como estratégia metodológica.

A categorização é baseada em acontecimentos e fenômenos marcantes no desenvolvimento do rádio AM ao longo da sua história no Brasil e que se inserem na vida, no cotidiano, na vivência humana como um todo e representam mudança. “O acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse” (FRANÇA, 2012, p.13). O recorte nestes períodos de mudança sofridos pelo rádio se justifica pela importância histórica de tais transformações na trajetória do meio, como afirma Rossetto (2009), a partir de conceitos de Hobsbawn, quando diz que a história deve ser contada quando a mudança social consegue transformar a sociedade para além de determinada questão, ou seja, o que vinha acontecendo na sociedade deixa de ser o padrão e dá início a um novo fazer. O que ocorreu com o rádio, por exemplo.

Assim, categoriza-se neste artigo a história do rádio brasileiro com ênfase no AM a partir dos seguintes acontecimentos: 1) *Implantação*; 2) *Inovações tecnológicas (TV e transistor)*; 3) *Implantação de um novo dial (FM)*; 4) *Informatização*; 5) *O Rádio na internet e expandido e, por último e em andamento*, 6) *A migração das emissoras em Amplitude Modulada para a Frequência Modulada*.

Ondas de mudança ao longo da história do rádio

140

As transformações no rádio são analisadas desde a mudança de comportamento ao desenvolvimento da tecnologia e são apresentados neste trabalho de forma periodizada em Ondas de Mudanças, a fim de descrever alguns dos acontecimentos de relevância na história do rádio, que vem se reinventando e se adaptando ao longo dos anos e, atualmente diante do processo de convergência digital, passa por um novo processo transformação (LOPEZ e QUADROS, 2013).

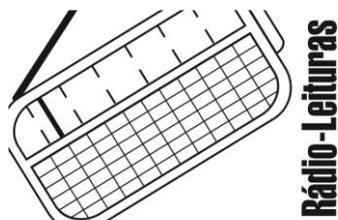
A primeira onda de mudança no rádio situamos nos anos 20 e se dá com a própria (1) *Implantação do meio*; uma revolução tecnológica à época, quando o principal veículo de informação da população era o jornal impresso. Esta fase de instalação foi de muita improvisação e amadorismo, mas nos anos seguintes o rádio viveu o seu auge como meio de comunicação de massa, em sua “Era de Ouro”, aproximadamente a partir de 1935.

A trajetória do rádio em Amplitude Modulada até a implantação e consolidação da Frequência Modulada, se confunde com a própria história do meio no Brasil. Nas suas

primeiras fases, a transmissão radiofônica foi predominantemente em AM. As primeiras emissoras instaladas no país foram fundadas por clubes ou sociedades, numa reunião de apoiadores da radiodifusão. Nesse início de atividade, o conteúdo levado ao público era de cunho cultural e educativo, uma herança do que defendia um dos pioneiros da radiodifusão no país, Edgar Roquette-Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, alicerçada numa programação destinada à cultura e à educação. Anos depois, em 1936, a emissora foi doada ao Governo por Roquette-Pinto e se tornou a atual Rádio MEC AM do Rio de Janeiro.

Com o passar do tempo, aumentavam os vínculos comerciais e o potencial de influência ideológica chamava a atenção da elite brasileira. A regulamentação da publicidade no rádio, autorizada por decreto governamental em 1932, garante mais profissionalismo ao meio que iniciou anteriormente com precariedade nas transmissões. Naquele momento, o rádio passou a ser mais popular, o crescimento de emissoras gerou competição, trazendo assim desenvolvimento técnico, popularidade e prestígio ao meio.

Outro impacto no rádio brasileiro e, portanto, também para o AM, foi sem dúvida a chegada da TV e a invenção do transistor. Essa segunda onda de mudança, (2) *de Inovações Tecnológicas*, impactou drasticamente o rádio predominantemente AM da época. Com a entrada em cena da TV, apostou-se que a concorrência levaria à morte do rádio. Foi o primeiro e um dos maiores marcos históricos em que o rádio evidenciou sua capacidade de resiliência e seu sentido de permanência, reforçados a cada impacto e cada vez mais consolidados contemporaneamente. A programação radiofônica, até então repleta de artistas e músicos, passou a dar mais espaço ao jornalismo e à prestação de serviço. Isto especialmente nas emissoras que em vez de se transformarem num “vitrolão”, o que ocorreu com a maioria das estações da época, vislumbraram no jornalismo a possibilidade de enfrentar a concorrência da recém-chegada televisão. Os programas característicos do rádio espetáculo migraram para a TV, mudando o comportamento na recepção (ZUCULOTO, 2012).



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

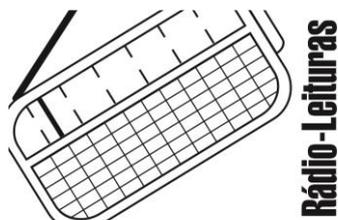
Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

Ainda nesta segunda onda de mudança, a miniaturização e a redução dos preços dos aparelhos representaram mais um avanço significativo, deixando o rádio AM muito mais popular e acessível e também oferecendo mais suportes, técnicas e modos de produção e veiculação às estações que se reinventaram apostando no jornalismo. O responsável pelas transformações foi o transistor, a tecnologia criada para facilitar a transmissão e recepção dos sinais, visando a utilização portátil. A invenção representou a inovação tecnológica mais significativa para a radiodifusão e permitiu que o rádio ficasse conhecido por características que até hoje o diferencia dos outros meios: a recepção móvel e o baixo custo dos receptores, que permitiram a individualização da audiência (MAGNONI; RODRIGUES, 2013, p.8).

O avanço garantido pelo transistor impactou o rádio AM da época fazendo as emissoras apostar muito mais no radiojornalismo. De acordo com Lopez (2009, p. 2), “o rádio deixava, assim, sua função principal de centro de lazer e entretenimento familiar para se tornar o companheiro mais cúmplice do ouvinte. Assim, sua responsabilidade, neste momento, recaía sobre a transmissão de informações locais e a prestação de serviços”.

Fase essa que resultou em mudanças inclusive na linguagem radiofônica, já que locutores deixaram de falar para família que ouvia rádio envolta do aparelho na sala de casa e passassem a conversar com cada ouvinte. A nova tecnologia também garantiu a utilização de gravadores portáteis, incrementando a produção de reportagens (FERRARETTO, 2001).

Importante também para a história do Rádio AM foi a (3) *implantação de um novo Dial (FM)* no Brasil, chamada neste trabalho, como terceira onda de mudança. A liberação do espectro FM às emissoras comerciais começou tardia no Brasil, com um atraso de 30 anos em relação à invenção nos Estados Unidos. Na programação, o modelo adotado no Brasil “inspirou-se” também aos norte-americanos tornando a grade musical quase em sua totalidade. “Afastando-se da rádio educativa e ainda não atingindo a rádio pop, as FM apareceram primeiramente para fornecer música ambiente” (PRADO, 2012, p. 261).



Vol 8, Num 02

Edição Julho – Dezembro 2017

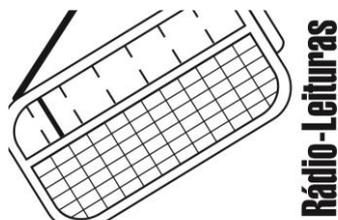
ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Segundo Del Bianco (2012), a nova faixa espalhou emissoras no processo de interiorização e trouxe à época uma audiência jovial, anteriormente deixada para a televisão. O FM ampliou o campo de atuação do meio e melhorou a qualidade do áudio. A implantação da nova frequência como um aspecto positivo para o meio, já que além do aumento no número de emissoras e na qualidade do som, proporcionou a segmentação na programação e a especialização de novas linguagens específicas do meio. Restou ao AM, conforme Zuculoto (2012), usar muito mais a fala do que a música, consolidando a expansão e a popularização do radiojornalismo por encontrar nele uma alternativa de sobrevivência.

A quarta onda se apresenta na (4) *Informatização que chega com os satélites* espalhando o sinal de emissoras de grandes centros para todo o território nacional. As redes representaram mais um impacto no meio radiofônico. Além do caráter local que ficou de lado, profissionais foram substituídos por redações e estúdios computadorizados, como por exemplo operadores técnicos e comunicadores regionais. A transformação significou uma quebra de paradigma na medida em que muitas emissoras do interior passaram a transmitir programações uniformes culturalmente, presente nas cidades grandes, mas causando estranheza nas localidades, fator que impactou diretamente as ondas de Amplitude Modulada, tradicionais na informação local.

O tradicional rádio voltado à comunidade deu espaço para um jornalismo que falava dos grandes centros e abordava questões regionais e nacionais. Além disso, a segmentação do conteúdo e de público ficou ainda mais evidenciada neste período, com as AMs segmentando-se por horários e faixa de ouvintes e as FMs com uma especialização muito mais por camada. Nas AMs a difusão de programas jornalísticos e coberturas esportivas em cadeia diminuíram a informação local. As pequenas emissoras regionais recebiam a programação nacional pronta e retransmitiam em suas localidades. Os satélites impulsionaram as redes de rádio responsabilizando as emissoras afiliadas na reprodução de conteúdos produzidos na cabeça de rede. A informatização no fazer rádio também o transformou. Em meados da década de 1990, computadores compostos



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

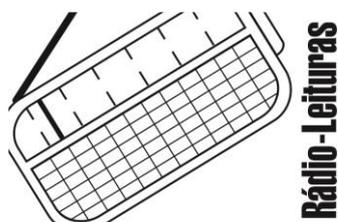
por softwares de transmissão e edição ditavam mais uma época de transformação (MEDITSCH, 2001).

Na década seguinte, nos anos 2000, a digitalização ganha espaço como ferramenta no mundo virtual, com a retransmissão dos conteúdos na internet, e em seguida com o surgimento de webrádios na rede (ZUCULOTO, 2012). Fatos que podemos apontar como a quinta onda de mudança no rádio do brasileiro, com a (5) *Internet e o Rádio Expandido* (KISCHINHEVSKY, 2016) impactando mais uma vez o rádio AM. Assim como em outros momentos de avanço tecnológico, novos hábitos no tempo e no espaço alteraram a vida da sociedade e o comportamento do ouvinte. As webrádios quebraram um pressuposto importante da radiofonia, o suporte, já que no lugar dos tradicionais aparelhos de rádio surge o acesso da audiência ao meio via computadores pessoais.

A convergência tecnológica também acaba por mobilizar emissoras a se adaptarem a este rádio, que vem extrapolando as ondas hertzianas e se espalhando em multiplataformas, representando uma nova onda de mudança. Um momento marcado por melhor qualidade sonora, transmissão simultânea entre AM e FM, uso de aplicativos para celulares, suportes digitais e demais necessidades tecnológicas que atualizam o meio e mudam a forma de consumo do rádio AM. Assim, a tecnologia a serviço do meio aumentou a possibilidade de interação do ouvinte, que agora sai de uma condição de passividade, sendo peça importante no fazer rádio e no consumir informações. Nova maneira de ouvir rádio, que tem em Kischinhevsky (2016), um conceito de rádio expandido, que transborda para as mídias sociais, para o celular.

A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 279).

Onda de mudança resultante de alteração no hábito de consumo de ouvintes e acaba por influenciar fortemente a migração do AM, já que o ouvir passa a ser não mais somente no velho e bom radinho à pilha, mas é acessado em outros dispositivos. A falta



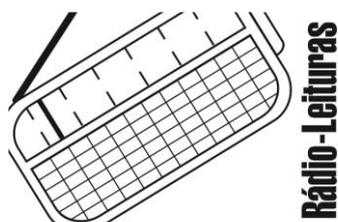
de investimento em tecnologia e equipamentos que contemplem a Amplitude Modulada evidencia a necessidade de mudança no meio radiofônico. Por isso, afirma-se que o rádio expandido, enquanto possibilidade de transmissão que extrapola, esbarra em tecnologia e acaba por impulsionar essa (6) *sexta onda de mudança que está por vir: o AM + FM*, a migração do rádio, abordada posteriormente neste artigo que antes retoma algumas das especificidades e singularidades de cada dial.

A programação, gêneros e formatos no rádio

O processo de mudança no dial do rádio brasileiro ocasionado pela migração do AM para o FM vai alterar o modo de fazer e ouvir rádio. Isso inclui a programação das emissoras, que têm no conteúdo transmitido uma forma de conquistar audiência e a sustentabilidade do veículo. Programação essa, entendida por Barbosa Filho (2009), como um conjunto de programas e produtos ordenados de forma lógica e que vem se modificando e segmentando ao longo dos anos, visando consolidar público-alvo, linha editorial e estar em sintonia com os fatores econômicos.

Por ser este mais um momento de mudança é importante abordar neste artigo as possíveis alterações na programação jornalística das rádios, reconhecendo e sistematizando os modelos e formatos existentes no AM e no FM desde o seu surgimento, a fim de identificar gêneros radiofônicos presentes nas emissoras brasileiras, bem como perceber as características peculiares de cada modulação, para compreender este rádio que agora se transfere para a Frequência Modulada. É conhecer de que rádio se está analisando.

Ao longo dos anos, os modelos de grades radiofônicas vêm se transformando e se segmentando cada vez mais. Desde o surgimento do rádio no Brasil, a programação radiofônica, mesmo que há época de forma não organizada, se dividia em um rádio ora falado, ora musicalizado. Edgar Roquette-Pinto, ao fundar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, levava ao público um conteúdo de cunho cultural e educativo por meio de programas de música eruditas e aulas de idiomas como o latim. Este caráter



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

informativo do invento ficava por conta dos programas onde o próprio antropólogo lia notícias de jornais impressos, apostando em um meio com potencialidades para educar a população para além das escolas e dos livros (ZUCULOTO, 2012). Mesmo muito diferente do modelo atual de radiojornalismo (sintético e objetivo) é possível afirmar que o gilete-press, ou as notícias extraídas dos impressos de Roquette-Pinto, dava sinais do jornalismo presente na grade já nos primeiros anos do meio no Brasil.

Mesmo assim, com alguns indícios de jornalismo na grade, a predominância era de uma programação intensamente musical. A chegada da TV impacta fortemente este modelo com os artistas migrando para o novo meio, a televisão. Alterações que foram dando ao meio características próprias encontradas até hoje. Conforme Ferraretto (2001), a programação de uma emissora organiza as transmissões com o objetivo de posicionamento diante do mercado e/ou dos ouvintes. Este ordenamento é descrito pelo autor através de três modelos de grades: **o linear**, muito utilizado nas emissoras de grande porte e dedicadas ao modelo de jornalismo 24 horas; **o mosaico**, com programas ecléticos e variados muito comuns em emissoras menores país afora, e em **fluxo**, muito usado em rádios americanas, onde os conteúdos são distribuídos sequencialmente como se fossem um único programa, acrescentando notícias mais recentes a todo momento

Quanto aos formatos destas grades, muitos autores classificam a programação em categorias variadas, em tentativas de classificar gêneros e formatos conforme o campo ou o objeto estudado. Para não detalhar todas estas categorizações nos atemos a dois principais eixos apresentados por Cebrian-Herreros (2008): o da cobertura das atualidades (e temática), e o musical. Assim, partimos da ideia de uma grande dividida entre o informativo e o entretenimento, fortalecida em Ferraretto (2001), quando os subdivide em noticiário, programa de entrevista e de opinião, mesa-redonda e documentário (os informativos); humorístico, dramatizados, de auditório e musicais (os de entretenimento).

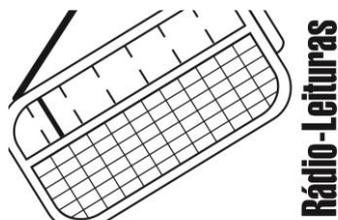
Os dois formatos foram escolhidos como categoria de análise deste. Além dos modelos de grades citados é necessário entender a estrutura e os formatos de conteúdo organizados em gêneros radiofônicos, a fim de facilitar o entendimento de elementos

presentes em cada programa. André Barbosa Filho (2009) aponta os gêneros do rádio a partir da função de cada formato na programação das emissoras. São eles: jornalístico, de entretenimento, educativo-cultural, publicitário, propagandístico, especial e de serviço. Já Mário Kaplún (1978), autor referência nos estudos radiofônicos, descreve os programas também em duas vertentes: os que a música comanda e os em que a fala comanda, ou seja, em gêneros musicais e falados. Para Kaplún, seriam doze os gêneros falados, classificados pelo uso da palavra, descritos como: a locução, o noticiário, a crônica, o comentário, o diálogo, a entrevista informativa, a entrevista, o radiojornal, a radorrevista, a mesa redonda, a radorreportagem, e a dramatização.

É importante frisar, mesmo este artigo apresentando modelos e formatos de programas radiofônicos baseados na classificação de autores de renome no cenário da radiodifusão, não se pretende ampliar a discussão destes gêneros nem se ater a uma rígida categorização. O próprio Kaplún (1978), em seu *Produção de Programas de Rádio: o roteiro, a direção*, aponta para o perigo simplista de tal descrição, quando afirma que é necessário conhecer estes formatos para poder criar instrumentos capazes de enxergar as distintas possibilidades do rádio e diferenciar os programas falados dos musicais, os jornalísticos dos radiodramatizados, mas não como se fossem compartimentos estanques e não compatíveis, para não resultar em uma avaliação limitadora do potencial de uma programação.

Especificidades de um meio em migração

Com especificidades claras, o rádio possui características bem próprias quanto à linguagem, formatos e gêneros, assim como em relação ao seu dial. Aspectos que o descreve e sobretudo que o define ao longo de sua trajetória, que também é marcada pela especialização de conteúdo e programação diferenciada em cada espectro, que segundo Ortriwano (1985, p.29), sempre existiu, mas “se acentuou principalmente a partir da implantação e do desenvolvimento das emissoras FMs, acabando por mostrar-se uma fórmula eficaz para que o rádio pudesse encontrar outra vez o caminho da



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

expansão”. Os fatores que distinguem a programação das emissoras em Amplitude Modulada das de Frequência Modulada são muitos e alguns deles serão apresentados neste artigo. Diferenças que vão desde à qualidade do som, ao estilo do comunicador até a formação de vínculos afetivos.

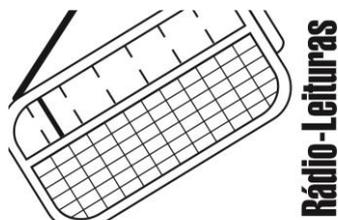
Partindo do estilo de programação de cada espectro, encontramos no AM um “rádio amigo”, com uma linguagem de intimidade com o ouvinte. A essência do meio está muito atrelada a esse companheirismo do meio, que o próprio Edgar Roquette-Pinto descreveu como “o divertimento gratuito do pobre; o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo e o guia dosãos” (TAVARES, 1997, p.8). Assim, desde que foi inventado, o rádio e em especial o AM, virou companhia para a dona de casa, para o trabalhador noturno e para quem estivesse no trânsito, proporcionando uma interação entre público e emissora. Primeiramente com uso de cartas, participação em programas de auditório, depois com telefonemas, e-mails e, mais recentemente, com a utilização das redes sociais, numa evolução tecnológica evidente, mas sempre mantendo a tradição de parceria por meio de uma linguagem próxima e íntima, falando quase que de forma individualizada a cada um dos ouvintes. “O tom íntimo das transmissões, representado pelas expressões “amigo ouvinte”, “caro ouvinte”, “querido ouvinte”, proporciona uma aproximação e uma intimidade únicas” (BARBOSA FILHO, 2009, p.47).

O caráter intimista do AM também lhe rendeu especificidades quanto à veiculação de publicidade. É comum ouvir neste espectro propagandas testemunhais lidas pelos âncoras de programas ao vivo numa aposta ao carisma destes comunicadores que falam diretamente ao ouvinte e que são vistos como possíveis influenciadores de marcas e produtos. A firmeza e a impostação da voz destes locutores do rádio tradicional também influenciam este cenário. Os tipos de anunciantes também se separam por espectro, já que em Amplitude Modulada a programação popularesca e local faz com que a venda de comerciais seja mais do varejo do que de grandes empresas, diferentemente do FM.

O gênero informativo já marcava presença no rádio de Amplitude Modulada muito antes da implantação do FM e ficou como uma das marcas registradas do AM,

mesmo que nos dias atuais este cenário já seja visto nos dois dials. Cyro César (2000) afirma, que a essência do rádio em Ondas Médias é o jornalismo, por sua dedicação à informação e prestação de serviços. A consolidação deste modelo de programação ganha força com a expansão das emissoras em Frequência Modulada e a transmissão musical neste dial, tendo por trás razões de cunho político e econômicas. A partir daí o rádio AM tradicional dá espaço a questões cotidianas, do dia a dia do cidadão comum e da comunidade local. Características que também deram ao AM o estilo “povo”, se destacando em produções voltadas a públicos C, D e E, justificadas em Moreira (1991, p.39) pela proximidade. “Compartilhar das desgraças daqueles que de certa maneira lhe são próximos (pelo menos na escala social) além de reforçar certos vínculos de identidade, serve de alerta ou consolo para uma situação a qual todos estão naturalmente expostos”. O tornar-se próximo deste público-ouvinte fez com que comunicadores virassem verdadeiros ídolos, por hora, até justiceiros das causas populares. Assim, o carinho do ouvinte passou a ser personificado também em âncoras que passaram e ainda passam a apresentar programas com seus nomes próprios, tornando-os “protetores dos necessitados”.

Uma outra diferença entre os dois espectros está relacionada com os conteúdos externos. O rádio AM, por exemplo, faz transmissões fora de estúdio apostando em informações de utilidade pública, como as reportagens de “unidade móvel” com informações sobre o trânsito e notícias variadas. Já o FM transmite flashes voltados a comerciais e promoções, característicos na programação de entretenimento em Frequência Modulada (COSTA, 2001). Embora as emissoras no AM também busquem a segmentação junto ao público ouvinte, é notória a especialização no FM, explicada por Ortriwano (1985) como uma necessidade de atender ao mercado, onde existem diversas faixas socioeconômicas que precisam ser exploradas adequadamente. Isso pôde ser visto com a segmentação nos anos 80 e 90, quando o AM se especializou por faixas de horários e faixas de ouvintes, e o FM especializou-se por camadas e segmentos (dos jovens, das músicas clássicas, pop rock).



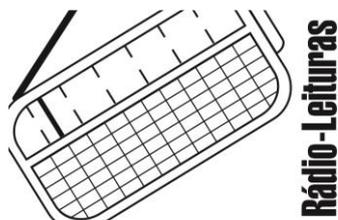
Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

O dial em Frequência Modulada começou como link apenas para ligar estúdio e as transmissões externas. Em 1968, o Governo Federal decreta que o FM deveria ser utilizado com uma programação específica e, na década de 1970, começam as transmissões com o modelo que se tem hoje em dia (MOREIRA, 1991). Segundo Ferraretto (2001), a popularidade das emissoras em FM foi conquistada por rádios alternativas inspiradas nos modelos norte-americanos, onde os comunicadores utilizavam de uma linguagem “descolada” e, por vezes, bem-humorada e voltada ao entretenimento. O mesmo ocorrendo com a plástica dos veículos trazendo vinhetas musicalizadas e descontraídas visando este público mais novo. Isso foi consolidando o FM como um meio para se ouvir música com qualidade superior ao do AM, e direcionado a um público jovial. Mesmo hoje em dia, quando as FMs já apostam em grades com produção específica em jornalismo, como as all news ao estilo CBN, ainda há uma predominância de música no dial em emissoras país afora.

Mais um fator que explica diferenciais entre os dois espectros é a qualidade sonora e o alcance. O FM, por exemplo, tem um som limpo de ruídos, mas que perde em alcance, ao contrário das AMs que, em alguns casos, a audiência chega a ultrapassar estados. Outra diferença marcante é o ambiente de trabalho destas emissoras. O comunicador de Frequência Modulada e que atua nas rádios de entretenimento controla microfone e toda a plástica da programação, hoje predominantemente em softwares. Situação diferente do AM, onde geralmente há um operador de estúdio, o âncora e até o produtor, responsável por ligações telefônicas e outros afazeres. Em algumas rádios, inclusive, o espaço físico é separado, o que chamamos de estúdio no formato de “aquário”, onde cada um dos profissionais fica separado por paredes de vidro evitando o vazamento de som ao microfone. Estas particularidades resultam em um quadro funcional bem mais enxuto em emissoras FMs, que tradicionalmente possuem um mesmo comunicador para horas de microfone e transmissão.

Durante muito tempo, a distinção destes dois espectros criou uma espécie de “muro” repartindo o dial. A modulação dos aparelhos fez surgir estes dois universos citados neste estudo: de um lado um AM, voltado para o jornalismo e a prestação de serviço, e de outro, o FM, levando música e entretenimento. Foi assim durante anos no



Vol 8, Num 02

Edição Julho – Dezembro 2017

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

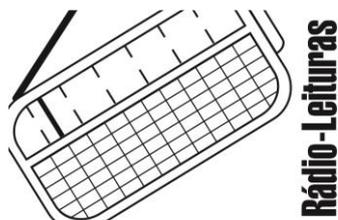
Brasil, uma segmentação clara de programação, público-alvo, qualidade sonora e que vem se transformando ao longo dos anos, mas agora está prestes a se encontrar na mesma modulação em decorrência do processo de migração do rádio AM brasileiro.

A migração como a mais recente onda de mudança

A falta de investimentos no rádio de Amplitude Modulada é um dos fatores que influenciaram o atual momento em que vive o cenário radiofônico no país, o de migração para o FM, neste artigo apontada como a (6) sexta onda de mudança. Conforme os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia, a principal forma de acesso ao meio ainda é o velho e tradicional aparelho de rádio. Os entrevistados que ouvem desta forma chegam a 63% do total pesquisado, contra os 31% que somam os ouvintes via celular e em carros. Do total que ouve rádio, 79% estão sintonizados na Frequência Modulada (PBM, 2016).

Números que expressam um desinteresse pelo meio, ainda mais perceptível quando o assunto são os investimentos em tecnologia das indústrias dos mais variados setores que acabam por afetar em cheio as rádios em Ondas Médias. O AM, por exemplo, não está disponível em novos dispositivos móveis, como celulares e tablets. Isso faz com que os novos aparelhos cheguem ao mercado somente com a sintonia em Frequência Modulada refletindo diretamente na audiência de emissoras em Ondas Médias. Um outro fator que representa problema para as ondas em Amplitude Modulada é a indústria automobilística, que coloca no mercado veículos sem aparelhos radiofônicos compatíveis ao AM.

Este “esquecimento do AM” condena o espectro e é apontado como alguns dos motivos da migração, também muito relacionada com a qualidade do som e a interferência nas ondas. Por fim e diretamente relacionado aos motivos anteriores, a queda de anunciantes nas rádios AMs é mais uma questão importante para o processo de migração. Com a baixa qualidade do áudio, repleto de interferência eletromagnéticas, o setor publicitário encontra no AM um problema a ser superado. Isso



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

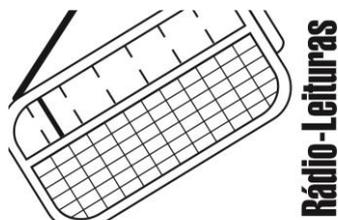
trouxe redução na receita publicitária trazendo dor de cabeça a muitas emissoras do país.

Essas causas unidas ainda à falta de continuidade nas discussões de implantação do modelo de rádio digital no Brasil por parte do governo, levaram radiodifusores a pedirem a migração do AM. Os estudos e a decisão sobre o padrão digital esbarraram em impasses técnicos e políticos, em contrapartida, o FM analógico funciona bem, com boa penetração e com receptores diversificados e baratos, como apontou a pesquisadora Nélia Del Bianco, representante do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nas discussões sobre o modelo de rádio digital a ser instalado no Brasil.

O insucesso se deve a conjugação de fatores tais como: a) falta de critérios para o acesso dos canais privados à rede digital; b) o público nunca percebeu a vantagem da mudança, uma vez que não havia oferta diferenciada da FM; c) e os receptores são caros. Conclusão: sem a aposta em novos conteúdos, não há bases para a mudança efetiva. (DEL BIANCO, 2013, p.2).

Com tantos entraves, o definhamento do rádio AM fica cada vez mais evidente, restando aos radiodifusores a solicitação no encaminhamento para a Frequência Modulada como forma de sobrevivência em mais um período de crise no meio.

Discutido por profissionais, empresários e pesquisadores, o processo de migração do rádio AM teve desdobramentos no dia 7 de novembro de 2013, com a assinatura do decreto presidencial, que autorizou as rádios a irem para a frequência modulada. Os motivos apontados acima foram ponto de partida para o processo de mudança no dial. Mais do que permitir a alteração, o documento do Governo Federal sentenciou as ondas médias de caráter local ao definhamento, já que o espectro que será deixado pelas AMs vem sendo “enamorado” por operadoras de telecomunicações, mostrando também um viés econômico em todo processo, como menciona Curado (2015, p.74), quando aponta que um “dos interesses em tirar o rádio desse espectro é poder concedê-lo às operadoras de telecomunicações para a prestação de serviços do sistema 4G”.



Vol 8, Num 02

Edição Julho – Dezembro 2017

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

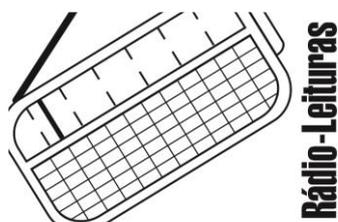
O decreto não obriga as emissoras a migrarem, mas impõe que a rádio que decidir não ir para o FM, deixará de existir. “As emissoras com essas características que optarem por não migrar nem se reenquadrar (deixar a característica de OM local para se transformar em regional), assinam na prática seu termo de desligamento” (CURADO, 2015, p.70).

Das quase 1,8 mil emissoras AMs, conforme dados do Ministério das Comunicações, quase um terço delas dependem do desligamento dos canais 5 e 6, usados pela televisão com sinal analógico. Por isso, a mudança depende da digitalização total da TV brasileira, que vem ocorrendo gradativamente pelos Estados. Essas rádios constituem o lote residual, de emissoras que não possuem espaço no espectro onde estão situadas, o que significa ampliação no dial, o chamado dial estendido. A diferença do rádio atual é que o espectro estendido terá novas faixas, entre 76 MHz a 107.9 MHz. Esta expansão terá que ocorrer para abrigar a quantidade de frequências das novas FMs que não tiverem espaços livres no espectro atual, refletindo inclusive na indústria e fabricantes de aparelhos radiofônicos.

Em 2016, o processo de migração do AM deu passos importantes. Aproximadamente 250 emissoras já migraram, segundo levantamento do site Tudo Rádio. Das emissoras mapeadas pelo site até outubro de 2017, a distribuição de AMs que migraram, por região, ficou da seguinte forma: Acre (1), Amapá (3), Amazonas (4), Ceará (11), Bahia (12), Espírito Santo (5), Goiás (13), Maranhão (2), Mato Grosso (15), Mato Grosso do Sul (9), Minas Gerais (26), Pará (4), Paraíba (4), Paraná (30), Pernambuco (4), Piauí (4), Rio de Janeiro (2), Rio Grande do Norte (7), Rio Grande do Sul (18), Rondônia (4), Santa Catarina (28), São Paulo (36), Sergipe (1), Tocantins (1).

Apontamentos iniciais sobre a migração para o FM

A migração do AM para o FM pede reflexões importantes sobre o futuro do rádio e levanta alguns questionamentos frente à possibilidade de mudanças no dial brasileiro.



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

Dentre as possíveis mudanças que podem surgir com a transferência de dial, está a possibilidade de um aumento da informação/notícia no rádio.

A atual programação das AMs, hoje muito mais voltada à prestação de serviço, jornalismo e esporte, será deslocada para o FM, deixando a Frequência Modulada muito mais falada do que é atualmente, já vivenciado em outro momento, como por exemplo, com a aposta de emissoras veiculando conteúdos jornalísticos nas chamadas emissoras Talk and News, no final dos anos 1990 e início dos 2000. Além disso, as atuais FMs também podem ampliar a informação. Isso porque, com a chegada de emissoras jornalísticas no novo dial, a concorrência com as atuais voltadas à programação musical pode gerar uma necessidade de informação no espaço, deixando o rádio muito mais falado e menos musicalizado, em virtude também das fartas possibilidades e ferramentas para o “ouvir” música na atualidade, como os aplicativos de streaming (Spotify).

Caso isso ocorra, as FMs atuais sofrerão mais as transformações do que propriamente as AMs migrantes que, conforme estudos recentes, devem fazer uma transferência fiel do conteúdo transmitido hoje em dia. Camila Morgado (2016), em sua monografia na UnB, entrevistou diretores de emissoras do Brasil sobre a migração. No trabalho orientado pela professora Nélia Bel Bianco, ficou em evidência uma preocupação por parte das empresas pesquisadas muito mais com a plástica do que propriamente com a programação.

O que tudo indica, pouco ou quase nada será alterado, o que representa a manutenção do conservadorismo ligado ao AM. Com isso, a migração pode vir a ser uma mera adequação de modulação e na prática, e não uma evolução no modo de fazer radiojornalismo. Ao menos, as empresas de comunicação pareceram não ter se preparado para isso, e não apresentaram no trabalho um planejamento quanto a uma possível nova programação (CURADO, 2016, p. 113).

A preocupação muito mais estética do que de conteúdo inquieta e coloca em discussão uma temática importante: a necessidade de repensar os formatos e modelos de jornalismo produzidos hoje em dia no rádio. A mudança, também citada por Curado (2016), encontra consonância com o que pensamos sobre esta transformação. Fato que

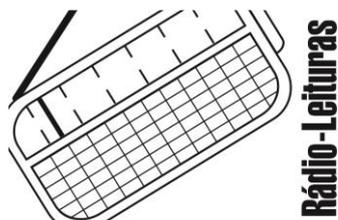
também aparece nas entrevistas realizadas pela pesquisadora e citadas no trabalho, onde as emissoras ouvidas já realizam transmissão simultânea, mas seguem apenas retransmitindo um conteúdo já pronto das AMs (CURADO, 2016). Por isso a ampliação dos espaços de notícias pode ser um caminho a pensar pelas emissoras, visando resgatar uma audiência que vem despencando nos últimos tempos.

Levantamento da ABERT mostra que dos 235 modelos de celulares a venda no mercado, 179 (76%) vêm com rádio FM integrado. Mesmo correspondendo à maioria dos aparelhos, em comparação com os últimos anos, demonstra uma queda na quantidade de celulares com FM embutido: em 2014 e 2015 eram 79%, em 2016 78% tinham a tecnologia. O número alto de equipamentos com acesso vislumbra possibilidade de crescimento desta audiência que tem sido problemática para as emissoras em AM. Porém, se faz necessário pensar em medidas que viabilizem esta propagação, como por exemplo, o empenho político em exigir das indústrias tecnologia disponível em todos os celulares e não apenas em alguns aparelhos.

Outra provável mudança que pode transformar o meio é sobre a qualidade do som. O fim do ruído, mesmo não sendo o principal fator motivador da migração, vai transformar o rádio em um espaço com menos interferência, tornando-o muito mais atrativo do que é atualmente, fato que agrada os radiodifusores sedentos por um acréscimo nas verbas publicitárias e uma disputa mais justa com outros meios de comunicação.

As conquistas com a migração parecem surgir neste momento de crise no jornalismo radiofônico. Estes apontamentos sobre a transformação do dial e da programação radiofônica ainda são incipientes, mas já podemos identificar possíveis caminhos que o meio pode seguir. Outra questão que necessita ampliar o debate é a discussão destes formatos de jornalismo que estarão presentes neste novo rádio, muito mais preocupado com a plástica e a estética do que com o conteúdo, como já pontuam algumas das pesquisas sobre o assunto publicadas recentemente.

Apontamos ainda, que a migração para o FM possui causas multifatoriais que fazem parte de uma mudança muito mais ampla, envolta por uma alteração no hábito



Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

de consumo do público que agora está escutando rádio na internet e interagindo via redes sociais.

Referências bibliográficas:

ABERT. **Primeiras Migrações do AM devem ocorrer até abril.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/24473-primeiras-migracoes-do-radioampara-fm-devem-ocorrer-ate-abril>. Acesso em janeiro de 2017.

ABERT. **Pesquisa da ABERT mostra evolução de celulares com acesso à TV e rádio.** Disponível em <http://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/25584-pesquisa-daabertmostra-evolucao-de-celulares-com-acesso-a-tv-e-radio>. Acesso em abril de 2017.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2009.

BRASIL. **Decreto presidencial nº 8.139 – 7 de novembro de 2013.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8139.htm.

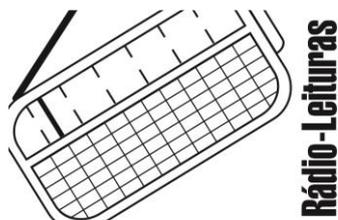
CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **A criatividade no contexto do rádio atual.** Teorias do rádio: Textos e contextos. Florianópolis, insular, v. 2, p. 337-363, 2008.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM.** Summus Editorial, 2009.

COSTA, Luciana Miranda. In: **Desafios do rádio no século XXI.** São Paulo: INTERCOM, 2001.

CURADO, Camila Cristina. **Migração de rádios AM para FM: processos de preparação e perspectivas de mudança frente à convergência tecnológica.** 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica.** Editora Sagra Luzzatto, 2001.



Vol 8, Num 02
Edição Julho – Dezembro 2017
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia**. São Paulo: Revista online Galaxia, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio**. Ciespal, 1978.

LOPEZ, D.C. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. Tese doutoral. Universidade Federal da Bahia, 2009.

MAGNONI, Antônio; RODRIGUES, Kelly. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo**. Encontro Nacional da História da Mídia, Ouro Preto, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação: teorias e técnicas do novo radiojornalismo**. Florianópolis, Ed. UFSC 2001.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio Fundo Ed., 1991.

ORTRIWANO, G.S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

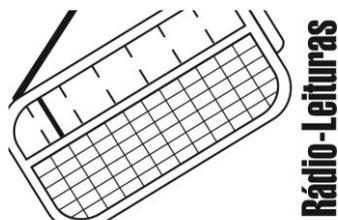
PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2016. Disponível em

<https://www.kantaribopemedia.com/estudos-type/book-de-radio-2o-semester-2017/>

PRADO, Magaly. **História do Rádio no Brasil**. São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

ROSSETTO, G.P.N. **O recorte do tempo pelos acontecimentos: um exercício de periodização para Comunicação**. In. Revista de Comunicação Verso e Reverso. V.23, n. 52. Abril 2009.

TUDO RÁDIO. **Migração das AMs, levantamento das FMs**. Disponível em: <https://tudoradio.com/conteudo/ver/45-o-radio-migracao-das-ams-levantamento-no-fm>. Acessado em outubro de 2017.



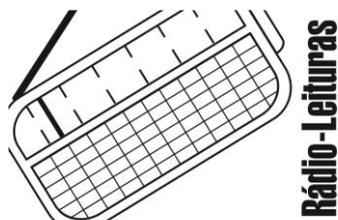
Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM

Karina Woehl de Farias e Valci Regina Mousquer Zuculoto

QUADROS, M.R. de; LOPEZ, D. C. **A interatividade no rádio hipermediático e expandido: uma proposta de classificação.** In: XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Manaus, 2013.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o Rádio não contou - Do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo.** São Paulo, Negócio Editora Ltda, 1997.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar – a história da notícia de rádio no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2012.



Vol 8, Num 02

Edição Julho – Dezembro 2017

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

Abstract

In another scenario of changes in the radio, due to the process of migration from AM to FM, this article proposes to discuss initial impacts on the journalistic programming of the medium. To do this, it revisits the history of radio, with a periodization categorized in waves of change, systematizing programming models in the two spectra and specificities of each dial from the advent of the medium to the current period of Brazilian broadcasting. Based on this categorization, we present initial notes on radiophonic possibilities before this new moment. The study uses bibliographic review techniques and documentary analysis as a methodological strategy. The analytical frameworks are supported by theorists and scholars of radio, journalism, communication and history.

Keywords: Radiojournalism; History of Radio; periodization; AM-FM Migration.

Resumen

En otro escenario de transformaciones en la radio, a causa del proceso de migración del AM al FM, este artículo propone discutir impactos iniciales en la programación periodística del medio. Para ello, (re) visita la historia de la radio, con una periodización categorizada en ondas de cambio, sistematizando modelos de programación en los dos espectros y especificidades; desde el advenimiento del medio hasta el período actual de la radiodifusión brasileña. Con base en esta categorización, presentamos apuntes iniciales sobre posibilidades del radiofónico ante este nuevo momento. El estudio, utiliza técnicas de revisión bibliográfica y el análisis documental como estrategia metodológica. Los referenciales de análisis tienen sustentación en teóricos, estudiosos de la radio, del periodismo, de la comunicación y de historia.

Palabras Clave: Radioperiodismo; Historia de la Radio; periodización; Migración AM-FM.